

O CONSTRUCTO DE FAULSTICH PARA A VARIAÇÃO DAS UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS

Cleide Lemes da Silva Cruz
Universidade de Brasília

RESUMO: O tema central desta pesquisa é o estudo da terminologia têxtil, à luz da aplicação do modelo da Teoria da Variação em Terminologia, proposto por Faulstich (1995-2003). A aplicação da Teoria da Variação de Faulstich comprovou a existência da variação na Linguagem de Especialidade. Foram analisados dados da área têxtil, coletados em revistas de moda feminina, por meio dos quais se evidenciou a variação no uso de UTC dentro do constructo proposto por Faulstich, em que a variação ocorre pela ação do movimento gradual do termo no tempo e no espaço e é provocada pela função de uma dada variável.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia, Teoria da Variação de Faulstich.

***ABSTRACT:** The central subject of this research is the study about textile terminology, according to the Variation Theory, on model proposed by Faulstich (1995-2003). The Faulstich's Variation Theory application has proved the existence of variation in Specialized Language. Data of the textile area were analyzed, after having been collected from women's fashion magazines by means of which can see variation on the CTU's usage into the 'constructo' proposed by Faulstich, where variation occurs by the action of the gradual movement in time and space and it's caused by the function of a given variable.*

***KEYWORDS:** Terminology, Faulstich's Variation Theory.*

Introdução

O tema deste artigo é o estudo da variação de unidades terminológicas complexas (UTC) no âmbito da Linguagem de Especialidade (Indústria têxtil). A subárea selecionada foi a de fibras e tecidos têxteis. A pesquisa é de natureza qualitativa, na área de Léxico e Terminologia, e tem por suporte a Teoria da Variação em Terminologia, desenvolvida por Faulstich (1995-2003).

Em terminologia, afirma Faulstich (1995), os fenômenos variáveis ocorrem no sistema interno da língua na qual estão redigidos os textos de especialidade. Trata-se, portanto, de variação regular intrínseca e não de variação superficial, sob a forma de «como registrar o termo». Somente na dimensão vocabular de um corpus textual, de preferência especializado, é possível avaliar o que varia e como as terminologias variam. Foi essa dimensão que nos guiou para a análise da terminologia da indústria têxtil, por meio da sistematização das unidades terminológicas complexas e, sobretudo, para a análise do fenômeno de instituição de denominação de determinados termos que designam um ou outro tipo de fibra/tecido. Posto que, as designações das fibras partem diretamente do nome dado à semente (algodão), ao caule (linho, cânhamo, rami e juta), à folha (sisal), ao pelo (lã e *cashmere*) e à secreção (seda), da mesma forma, ocorre com os tecidos que se originam destas fibras, ou seja, conservam o nome de sua fibra originária. O que se quer discutir, mais especificamente é a variação possível na terminologia da área, com o intuito de aplicar o modelo teórico postulado por Faulstich (1995-2003), ao partir da análise da denominação para um tipo de tecido, que tem em sua composição uma determinada fibra e outros filamentos¹. O procedimento para a análise se vale do constructo teórico de Faulstich para a análise da variação em UTC no português do Brasil (PB) e igualmente considerará os empréstimos linguísticos, que nessa área são muito presentes.

1.1 A terminologia como mecanismo de constituição da área de conhecimento

O trabalho terminológico surge da necessidade de sistematizar denominações e conceitos das diferentes expressões ou termos, com o objetivo de facilitar a comunicação entre especialistas. Este objetivo, para ser atingido, no nosso caso, supõe a obtenção de outras tarefas não menos importantes: a sistematização de uma terminologia da área da Indústria Têxtil, que contemple conceitos próprios e por empréstimo, para que se reconheça sua autonomia. Na prática, significa estabelecer a linguagem de especialidade da área.

Segundo Cabré (1993, p.14), “estudar una materia equivale a aprender los lenguajes de esa materia”. Este saber é um conhecimento dos pontos de vista específicos que orientam um modo próprio de explicar e de interpretar a

1 Qualquer fio muito fino de no mínimo 1.000 m de comprimento. A justaposição de 8 até cerca de 500 filamentos finos formam os fios de filamento. Cf. em MALUF, E. e KOLBE, W. *Dados técnicos para a indústria têxtil*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo. ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção, 2003.

realidade. Na ausência das linguagens de especialidade, “sabemos o mundo” segundo o que nos dita a linguagem natural, inserindo-nos no senso comum. No entanto, não é apenas com o recurso à linguagem natural que se introduz a indeterminação conceitual. Saber o mundo por meio de um conjunto de termos sem consistência conceitual, provenientes, por exemplo, de diferentes áreas, na ausência de normalização, equivale a ter em mãos vários fragmentos que, se juntados, não fazem sentido ou o fazem à custa de muito esforço. Em larga medida, portanto, o conhecimento e a compreensão de uma área de conhecimento vinculam-se ao domínio da linguagem desta mesma área. O núcleo específico de uma linguagem de especialidade é seu vocabulário, que normalizado e organizado semântica e logicamente constitui a terminologia da área.

Os termos são criados e se desenvolvem em uma língua concreta porque as ideias, processos ou objetos que esses termos designam foram criados pela sociedade que deles se utiliza. Quando não consolidados, isto é, na ausência de um assentamento conceitual ou na presença de ambivalências semânticas, que poderiam supostamente estabelecer condições de criação, tem-se um impasse ou retardamento teórico, que compromete a área como um todo.

Nesse sentido, é fato reconhecido que as denominações servem de referência para a determinação do vocabulário de uma especialidade. Integram semelhante vocabulário os termos relativos aos objetos, processos e métodos da área. Como os conceitos atribuídos aos termos não resultam de convenções arbitrárias ou de preferências individuais, mas de relações entre suas características constitutivas, passíveis de serem objetivadas e confirmadas, o reconhecimento de uma denominação e de seu conceito é tarefa que exige análise da pertinência dessas características ou traços em relação ao domínio considerado. Em si mesmas, as denominações podem ser fruto da germinação de ideias, do desenvolvimento efetivo do conhecimento da área ou de mera confusão, nesse caso, por ausência de rigor, ou por modismo. Por essa razão, o uso da palavra “em estado natural” é sempre um risco.

Como afirmam Krieger e Finatto (2003, p. 17), a importância do processo denominativo para as atividades de conceitualização explica, assim, o papel das terminologias na fixação e na circulação do saber científico e técnico. Onde o sentido da afirmação de que “para os especialistas, a terminologia é o reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade, e um meio inevitável de expressão e comunicação profissional”. (Cabrê, 1993, p. 37)

O léxico temático configura-se, portanto, como um componente linguístico, não apenas inerente, mas também a serviço de comunicações especializadas, posto que os termos transmitem conteúdos próprios de cada área.

1.2 Um vislumbre na origem da terminologia

A terminologia moderna começa com Eugen Wüster em 1931, quando esse professor publica *Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik*, que demonstrava sua preocupação com a metodologia e a norma aplicadas à terminologia, sendo essa, um instrumento que visava à “eliminação das ambigüidades nas comunicações científicas e técnicas”, na opinião de Rondeau². Em 1968, Wüster publica o *Dictionnaire multilingue de la machine-outil: notions fondamentales*, documento no qual ele dá um passo em direção à onomasiologia. Mesmo assim, ele inscreve seu pensamento no domínio particular da normalização, preceituando a biunivocidade terminológica.

Sager (1993, p. 292) observa dez anos depois de Wüster, que os primeiros terminólogos registravam somente o uso aceito ou aprovado de um termo, o que correspondia a algo como uma forma recomendada. Hoje, porém, se reconhece que a fixação de uso, mediante uma prescrição ou normalização, deve obedecer ao uso estabelecido, em vez de precedê-lo, ou seja, o uso permite a identificação e a categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de textos, mesmo levando em conta que especialistas não teriam dificuldades de distinguir entre uma variante e um termo. Ainda assim, os dicionários e glossários registravam somente o uso da linguagem escrita, todavia, nesse momento em que a linguagem falada adquire importância por meio da mídia, é necessário investigar as formas faladas do léxico.

Sager revela a necessidade de observação de um termo em seu contexto de uso social, indicando “uma apreciação mais realista dos diversos usos da linguagem; na prática, o uso comunicativo ocupa uma posição principal antes dos usos classificador e ideacional que se vê em ação durante a formação dos termos” (1993, p. 292). Ao afirmar isso, Sager expressa hipóteses acerca da existência e do uso das variantes. Em uma delas, o autor se aproxima dos princípios requeridos pela socioterminologia, ao declarar que existe a necessidade de variação léxica/terminológica e que esta se manifesta com diversa intensidade nos diferentes tipos de textos. Observa ainda que, apesar da afirmação teórica da univocidade da referência, de fato, nas linguagens especializadas, existe uma variação considerável.

2 Cf. Rondeau, Guy. Introduction à la terminologie. 2 ed., Gaetan Morin, Québec, 1984, 238 p. In.: Faulstich, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. Ciência da Informação – Vol. 24, nº 2, 1995 – Artigos.

1.3 O papel da socioterminologia e a variação

No universo da terminologia, a variação revela peculiaridades próprias a serem estudadas e que exigem método próprio para sistematização de termos e de variantes.

É nesse sentido que se abre para essa investigação a socioterminologia, termo esse, usado pela primeira vez, em um artigo de 1981, escrito por Jean-Claude Boulanger, conforme Faulstich (1995). A partir de então, vários são os linguistas que defendem o estudo e o registro social do termo, pois reconhecem que as terminologias estão abertas à variação.

A socioterminologia vem adquirindo, por isso, posição de disciplina de caráter teórico e não somente de um método analítico aplicado, com vistas a contribuir para o desenvolvimento de pesquisas teórico-práticas que levem em conta termo e variante(s). Dessa forma, é uma disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua, nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico.

A sistematização dessas variantes é tarefa da socioterminologia, cujo estatuto fica assegurado pela análise da diversidade de termos que ocorrem nos planos vertical, horizontal e temporal da língua, conforme postulados por Faulstich (1998).

Para que se estabeleçam padrões socioterminológicos existentes na funcionalidade da terminologia das linguagens de especialidade, é preciso, antes de tudo, reconhecer esses padrões de acordo com uma metodologia linguística que afaste o estudo da terminologia do padrão prescritivista, até então único método usado na descrição terminológica. O modelo mais adequado, por conseguinte, é o funcionalismo linguístico cuja abordagem é orientada para os fenômenos linguísticos em si. Essa perspectiva tem como objeto científico descrever e explicar os próprios fenômenos linguísticos.

Nesse sentido, o modelo proposto por Faulstich, a partir de 1995, funcionará, neste trabalho, como um guia para o exame da funcionalidade socioterminológica cujo *corpus* é a linguagem de especialidade da área têxtil.

2 A variação em terminologia

Nesta seção, interessa-nos examinar as idéias de autores que discutem a questão da presença ou não da variação no âmbito da terminologia. Como todas as unidades lexicais, os termos não ocorrem isoladamente, mas combinados com

outras unidades do discurso, em estruturas sintáticas específicas, combinatórias, expressões idiomáticas, em frases onde desempenham determinadas funções. Por outro lado, as unidades lexicais especializadas não ocorrem em discursos artificiais, porque, também os termos científicos e técnicos estão sujeitos à variação, no tempo, no espaço e na sociedade.

Encarados desta forma, os termos passam a ser um tema de estudo interessante para a linguística, que sobre eles desenvolve uma análise fundamentalmente descritiva e funcionalista. Nesse sentido, os termos passam a ser observados em contexto discursivo, e não isoladamente, e analisados tendo em conta as circunstâncias da produção discursiva, como níveis de especialização, público-alvo, objetivos da comunicação, entre outros.

Vários autores discutem a variação em terminologia, dentre eles há os que não a reconhecem e os que a defendem. São eles, Sager (1993), Cabré (1993), Gaudin (1993), Wüster (2001), Boulanger (2001), Aubert (2001), Faulstich (1995-2003) entre outros.

Eugen Wüster³ defendia a tese de que a terminologia não deveria acolher ambiguidades realizadas por denominações plurivalentes (termos homônimos e polissêmicos) e por denominações múltiplas (termos sinônimos). Segundo essa perspectiva, interpretavam-se como anômalos os casos que gerassem ambiguidades e motivassem a variação. Para ele, “variação linguística era toda perturbação da unidade linguística” que se caracteriza pelo aparecimento de sinônimos ou homônimos de variação e que a variação poderia ser eliminada por meio da normalização dos termos, que eram considerados unidades unívocas e monorreferenciais, dentro de uma área de especialidade.

Wüster, adverte Faulstich (2001), reconhecia a polissemia dos termos, mas enfatizava que dentro de um domínio específico o termo deveria ser monovalente, mesmo sendo polissêmico. Na perspectiva clássica, os termos técnicos são representações conceituais que ocupam um determinado lugar numa hierarquia lógica de conhecimento. Logo, as unidades lexicais especializadas não comportam diversidades conceituais, estando isentas de polissemia.

Com o direcionamento inovador, intensificam-se os estudos fundamentados na complexidade que envolve o funcionamento das terminologias, tal como qualquer outra unidade da língua natural. Dentre esses, encontram-se as proposições em favor de uma socioterminologia, formuladas por Gaudin desde 1993. Este autor critica fortemente a política normalizadora conferida ao manejo internacional da terminologia. Nesse sentido, diz ele:

3 Esta análise está publicada por Faulstich, E. na *TradTerm*, 7, 2001, p.17.

Sobre esse ponto, tentaremos mostrar como, no mesmo movimento que conduziu a linguística estrutural à sociolinguística, uma socioterminologia pode levar em conta a realidade do funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas linguageiras concernidas (1993, p. 16).

Boulanger apud Faulstich (2001) amplia ainda mais essa discussão quando procura explicitar que a variação é um fenômeno de língua, de usos e de natural ocorrência nas linguagens de especialidade, e que terminologia é disciplina de ordem social.

Teóricos, como Sager (1993), passaram a considerar o emprego do termo no ambiente social, isto é, o emprego real do termo. Então, a terminologia vista pela lente contemporânea de Sager considera, necessariamente, a variação dos termos.

Sager assume postura crítica, quando comenta que a terminologia tradicional é prescritiva em seu trabalho de normalizar os termos, e que, por essa razão, tende a não aceitar a variação. Discute ainda, o distanciamento da visão de Wüster para os estudos atuais e “reconhece que a fixação de uso, mediante uma prescrição ou normalização, deve obedecer ao uso estabelecido em vez de precedê-lo” (1993, p. 292).

Faulstich, em 1995, traça um caminho para a pesquisa socioterminológica e, por consequência, de uma terminologia funcionalista. No dizer de Aubert apud Finatto (2001, p. 153), “abre-se, assim, espaço para que, ao lado de uma terminologia padronizadora, se desenvolva uma vertente de estudos mais propriamente descritivos, não-intervencionistas, que poderíamos rotular de *socioterminologia*”.

Faulstich (1995, p. 20) cria postulados para uma socioterminologia, entendendo que a terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contextos de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o mesmo termo é usado. Afirma ainda que “a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social”.

Aubert apud Finatto (2001, p. 153), afirma que “a comunidade de usuários das linguagens de especialidade, tanto quanto a comunidade e a língua em geral, não constitui um todo uniforme, mas se subdivide em grupos variados, com necessidades, pressupostos e motivações também variados”, assim, é inevitável que “as diferenças de ordem sócio-cultural, aliadas àquelas vinculadas ao ponto de vista e à motivação, venham a gerar usos linguísticos distintos, introduzindo,

deste modo, a variação terminológica”(p. 154).

Cabré (1993) também postula que dentro da linguagem de especialidade há distintas variações, e destaca a importância de se investigar em que caso se dá esta variação e, assim afirma:

(...) todo lenguaje de especialidad, en la medida en que es un subconjunto del general, participa de sus mismas características; se trata, pues, de un código unitario que permite variaciones (...) La variación de los lenguajes de especialidad sigue los mismos criterios de diversificación sistemática referidos a la lengua general: las modalidades dialectales, los registros y las variedades estilísticas. En efecto, los lenguajes especializados, por el hecho de ser subcódigos del lenguaje general, participan de sus mismas modalidades dialectales y funcionales – aunque de forma más restringida – puesto que la función comunicativa es la prioritaria entre especialistas (p.157).

Cabré (1993, p. 157-160) identifica a variação: i) em textos científicos que tratam da mesma temática em períodos distantes no tempo, os quais podem apresentar diferenças interessantes na conceituação da disciplina, assim como, em seus aspectos expressivos e, ii) em textos especializados de autores que não têm a mesma procedência geográfica. Quanto ao item ii), a autora chama a atenção para o fato de que quanto mais especializado for o texto, menor será a variação dialetal.

Desse modo, a variação em terminologia, afirma Faulstich (2001), surge como contraponto à perspectiva tradicional da terminologia. Sendo a variação inerente a qualquer língua, entenderemos aqui variação terminológica como um tipo de variação linguística igualmente condicionada por fatores intra e extra-sistêmicos. Uma vez que a variação terminológica se dá no âmbito do uso especializado da língua por parte de uma determinada comunidade profissional, podemos distingui-la daquela que ocorre a utilização não profissional da língua.

As perspectivas para uma comunicação especializada de melhor qualidade, em qualquer área de conhecimento, constroem-se também a partir do reconhecimento da naturalidade e inerência da variação terminológica como um tipo de variação linguística. Afinal, é inevitável que, como afirma Aubert apud Finatto (2001):

[...] as diferenças de ordem sócio-cultural, aliadas àquelas vinculadas ao ponto de vista e à motivação, venham a gerar usos lingüísticos distintos, introduzindo, deste modo, a variação terminológica e toda intervenção lingüística, uma vez efetivada, passa a sujeitar-se às vicissitudes sócio-históricas da comunidade e da

língua no seio das quais a intervenção foi efetivada, ou seja, torna-se sujeita às instabilidades, às mutações e às transformações, no tempo e nos espaços (geográfico, social, situacional e individual) em que as terminologias são empregadas (p.153).

Este afirma ainda que a ciência e a prática terminológica deverão buscar, complementarmente, outros caminhos. Uma adequada compreensão das linguagens de especialidade somente se pode dar a partir do entendimento de que os termos não existem em isolamento, nem derivam sua existência apenas de um arcabouço lógico-conceptual, mas se manifestam, circulam e exercem sua função em situação, em uso efetivo.

Essa nova visão teve início a partir da década de 1990, quando começaram a surgir trabalhos que criticavam a falta de sensibilidade dos trabalhos terminológicos a situações de variação, ocasionadas pela diversidade de grupos sociais que trabalham em uma área especializada. Reconheceu-se que a análise do termo descontextualizado do meio social conduzia à interpretação que o marginalizavam de sua condição linguística. Assim, a terminologia variacionista, que se enquadra dentro de uma abordagem funcionalista, de acordo com Faulstich (1995), passa a dar ênfase à diversidade, porque reconhece que é por meio das línguas que se exercem as atividades sociais e cooperativas entre os falantes. Dentro desse ponto de vista, a terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contextos de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o mesmo termo é usado.

Outra decorrência da compreensão de que o termo é um elemento das línguas naturais, isto é, unidade lexical que sofre todas as implicações sistêmicas e contextuais como qualquer palavra da língua, como postula Cabré (1993):

Tanto o conhecimento especializado quanto os textos especializados, como as unidades terminológicas, podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritas em diferentes níveis de representação. Só assim, a terminologia do desejo passa a ser a terminologia da realidade (p.162).

Faulstich propõe, em 1995, nos estudos de socioterminologia, uma abordagem funcionalista do termo, como já dissemos anteriormente, descreve as bases metodológicas para a pesquisa socioterminológica e defende princípios de estreita relação entre termo e variação. Elabora, ainda, uma tipologia de variantes terminológicas e inclui, entre os postulados, a possibilidade de a terminologia variar e de a “variação poder indicar uma mudança em curso”. No

modelo de Faulstich (1998-1999), esse postulado abre a análise do termo sob duas perspectivas: a sincrônica, em que formas variantes apresentam o mesmo significado referencial, e a diacrônica em que o termo é descrito no seu percurso histórico, que “possibilita sistematizar estruturas léxico-terminológicas variantes, as quais permitem reconstruir quadros conceptuais da época, validados ou não na atualidade” (1999), e assim, a autora nos dá uma síntese da questão:

Termos são signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas; são entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas; são itens do léxico especializado, que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas (p. 28).

3.2 O constructo da teoria da variação de Faulstich

Para a construção da Teoria da Variação em Terminologia, Faulstich (2002, p. 76) levou em conta que a unidade terminológica, o termo, “pode assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência”.

Essa teoria está sustentada por cinco postulados⁴, quais sejam:

- a) dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade ou univocidade ou monorreferencialidade, associando-se à estrutura terminológica a noção de heterogeneidade ordenada;
- b) abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado;
- c) aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática;
- d) aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso;
- e) análise da terminologia em co-textos lingüísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral.

Orientada por esses postulados, Faulstich formulou o constructo teórico da variação, do qual se valerá para demonstrar as variações concorrente, coorcorrente e competitiva, na análise dos dados mais adiante.

4 Os postulados da teoria da variação em terminologia foram apresentados, primeiramente, no XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL), realizada na Universidade de Campinas (Unicamp), em junho de 1998.

Lamberti (1999, p. 53) chama atenção para um princípio acerca da função da variação, assim estabelecida:

A **variação** ocorre pela ação do movimento gradual do termo no tempo e no espaço e é provocada pela função de uma dada **variável** (função e variável são conceitos compreendidos dentro de um espectro funcional. (t) representa um conjunto de termos passíveis de serem atualizados com diferentes valores para uma dada situação. (f) representa uma função responsável pela determinação de um valor específico. A regra geral fica assim estabelecida: (f) é representada por (t), em que (t) é uma variável; (t) poderá funcionar com qualquer valor, dependendo do desempenho de (f)+(t). A posição da variável (t) permite que seja atualizada qualquer uma das variantes).

Faulstich (2002, p. 73), por sua vez, observa que a **variável**, será realizada sob a forma de uma **variante** e organiza a tipologia de as **variantes** que podem pertencer a três pólos: variantes concorrentes, variantes coocorrentes e variantes competitivas, definidas a seguir.

Variantes concorrentes são aquelas que podem concorrer entre si, ou podem concorrer para a mudança. Nessa condição, uma variante que concorre com outra ao mesmo tempo não ocupa o mesmo espaço, por causa da própria natureza da concorrência. Se uma variante está presente no plano discursivo, a outra não aparece. Assim, as **variantes concorrentes**, enquanto tais, se organizam em distribuição complementar. Por outro lado, se uma variante X corrobora com o surgimento de uma concorrente Y, isto significa que o processo da mudança está em curso e a expressão Y tende a estabilizar-se por ser mais fortuita do que X no contexto social. As **concorrentes** são variantes formais. A **variante formal** é uma forma linguística ou forma exclusiva de registro que corresponde a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente, podendo concorrer num contexto determinado. Classificam-se em **variantes terminológicas linguísticas** e **variantes terminológicas de registro**.

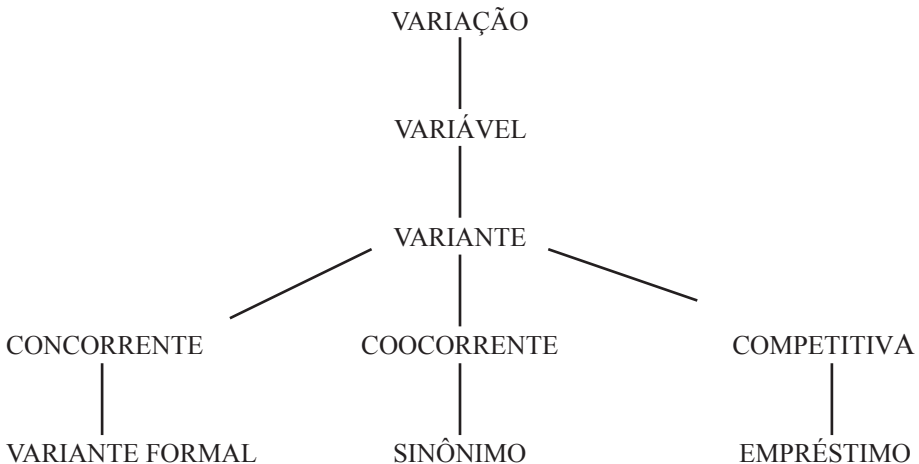
Variantes coocorrentes são aquelas que têm duas ou mais denominações para um mesmo referente. Estas variantes têm por função fazer progredir o discurso e organizam, na mensagem, a coesão lexical. Entre **variantes coocorrentes** há compatibilidade semântica uma vez que elas se equivalem no plano do conteúdo. São entidades cujos valores relativizam a informação semântica do texto e respondem pelas referências sociodiscursivas da informação. Assim, quanto mais a linguagem é científica, mais ela é universal. Se o texto estiver redigido em linguagem de divulgação científica mais variação apresentará, já que este tipo de discurso visa uma situação de comunicação em que o usuário é dotado de menor memória científica e técnica. As **variantes coocorrentes**

formalizam a sinonímia terminológica. A sinonímia terminológica relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo.

As **variantes competitivas** são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, quer dizer, itens lexicais de uma língua B preenchem lacunas de uma língua A. As **variantes competitivas** sofrem, em seu desempenho, interseções, devido à própria natureza estrangeira da expressão. Esse fenômeno se dá quando a estrutura da língua do termo estrangeiro é perturbada por estruturas da língua vernacular; a mistura de formantes ativa a variação. As **variantes competitivas** realizam-se por meio de pares formados por empréstimos linguísticos e formas vernaculares. Os empréstimos linguísticos são itens lexicais que se originam de língua estrangeira e, depois, no contexto social da língua recebedora, se tornam variantes porque provocam o surgimento de uma forma vernacular, por causa do ambiente linguístico estranho à sua permanência natural.

Donde a *variação*, que ocorre pela ação do movimento gradual do termo no tempo e no espaço, é provocada pela função de uma dada *variável*; a variável, por sua vez, se realiza sob forma de uma *variante* e as variantes se comportam como variáveis dependentes, dentro de um processo de variação, a caminho de concretizar-se como mudança (1998-1999). O modelo de Faulstich está assim representado (Fig. 1):

Figura 1: Modelo de variação de acordo com Faulstich (1999).



3.3 Propriedades e concepções de termo

A unidade terminológica é, simultaneamente, tanto elemento constitutivo da produção do saber, quanto componente linguístico, cujas propriedades favorecem a comunicação especializada. Para avançar no exame do fenômeno terminológico, é necessário, ao lado do reconhecimento da funcionalidade dos termos no campo da expressão e da comunicação humanas, observar uma série de aspectos relacionados à sua conceituação, identificação e constituição.

Todo panorama geral relativo aos principais aspectos que envolvem o estatuto e a estrutura das unidades terminológicas, como afirmam Krieger e Finatto (2004, p. 76), implica estabelecer relações com teorias terminológicas dada à existência de diferentes concepções. Wüster apud Krieger e Finatto (2004), assim define a expressão termo, como sendo “uma unidade terminológica consiste em uma palavra à qual se atribui um conceito como seu significado (...), ao passo que, para a maioria dos linguistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo” (p. 76).

Wüster destaca o papel do conceito como componente responsável pela atribuição do estatuto terminológico a uma unidade lexical da língua. Dessa forma, estabelece a propriedade básica que distingue termos de palavras, salientando que a compreensão de uma unidade da língua, na condição de termo, está fundamentada no papel da dimensão conceitual do signo linguístico que responde, neste caso, pelo denominado conteúdo especializado. Para complementar às visões de termo, Alain Rey (1979) afirma que “o nome é o objeto mesmo da Terminologia: com efeito, um nome definível no interior de um sistema corrente, enumerativo e/ou estruturado, é um termo; o conteúdo de sua definição correspondendo a uma noção (conceito), analisável em compreensão” (p.22).

Rey explicita as condições para que uma unidade lexical alcance o estatuto de termo, lembrando ainda que um nome é um termo, quando se distingue conceitualmente de outra unidade lexical de uma mesma terminologia. Exemplo dessa distinção pode ser tomado à terminologia têxtil, objeto de nossa investigação, em que os termos *lycra* e *elastano*, embora frequentemente confundidos, não se equivalem conceitualmente, porquanto o primeiro designa *marca registrada da DuPont para seu fio elastano*; enquanto o segundo foi cunhado para identificar o *fio com propriedades elásticas que em conformidade com a regulamentação INMETRO deve conter no mínimo 85% de massa de poliuretano segmentado*, isto equivale dizer que, toda lycra é fio elastano, porém nem todo fio elastano é lycra.

Nessa perspectiva, o plano do conteúdo dos termos é compreendido como da ordem dos conceitos, enquanto o das palavras comuns da língua é da ordem dos significados. Explica-se assim também o fundamento onomasiológico que articula a essência dos termos que preside a gênese das terminologias, bem como as razões pelas quais os termos cumprem as funções de fixar e divulgar o conhecimento especializado.

O estatuto terminológico de uma unidade lexical define-se por sua dimensão conceitual, ou seja, o que faz de um signo linguístico um termo é o seu conteúdo específico. Como afirma Lérat apud Krieger e Finatto (2004), “as denominações técnicas estão na língua porque são suscetíveis de serem traduzidas em língua estrangeira, mas são denominações de conhecimentos especializados, e é isso que as torna pertinentes terminologicamente” (p.78).

A dimensão conceitual do universo terminológico responde fortemente pelas interpretações de que um termo é, antes de uma unidade linguística, uma unidade de conhecimento, cujo valor define-se pelo lugar que ocupa na estrutura conceitual de especialidade. Compartilha dessa mesma concepção Sager (1993) quando este apresenta o termo como elemento linguístico individual tal como aparece nos discursos metalinguísticos dos dicionários, mas sem se esquecer de que a origem dos termos está no texto, uma vez que no texto está a linguagem natural.

3.3.1 Unidades terminológicas complexas – UTC

De acordo com o postulado de Bloomfield apud Elia (2004)⁵, as unidades significativas mínimas ou se apresentam como formas livres ou como formas presas. As formas livres ocorrem isoladamente; as formas presas, ao revés, pressupõem sempre uma forma livre à qual se ligam. Assim, a palavra pode ser definida como unidade significativa livre, ou melhor, mínima. A palavra pode ter significação *lexemática ou morfemática*, isto é, ou referencial ou gramatical. Neste último caso a palavra é tida como uma das possíveis formas de morfemas, ou seja, o chamado morfema lexical, também conhecido como lexema. Câmara Júnior (1991) prefere, em vez de “palavra gramatical”, a expressão “vocábulo gramatical”, porque, na sua ótica, a palavra deve ter sempre significação lexemática (ou, na nomenclatura que adota, valor semântico, isto é, de um semantema). São exemplos de palavras gramaticais os artigos, as preposições, as conjunções; estudam-se na Gramática e são em número limitado.

5 Ver Elia, S. E. *As unidades Lexemáticas*. Disponível no site: http://www.filologia.org.br/anais/anais_003.html acessado dia 15/07/04.

Já as palavras lexemáticas, ou referenciais, constituem a maior parte do léxico de uma língua e são de número indeterminado; parte destas, encontradas nos dicionários. O crescimento vocabular resulta das constantes mutações por que passam as coletividades humanas, logo, sempre surgem novas criações no acervo lexical dos idiomas (neologismos).

Cabe aqui, para a análise da ‘palavra’ no âmbito linguístico, uma discussão sobre *lexia*. *Lexia*, termo que se deve ao linguista francês Bernard Pottier em 1978, é nome geral para qualquer unidade lexemática. A menor unidade lexemática é a palavra, que Pottier denomina *lexia simples*, p. ex. “árvore”. A *lexia simples* se combina com outras *lexias simples* para formar novas unidades lexemáticas: a *lexia composta* (correntemente *palavra composta*), que Pottier define como resultado de uma integração semântica, como “guarda-chuva” e a *lexia complexa*, como “café da manhã”, entendida como uma sequência de palavras em via de lexicalização, em graus diversos. Pottier baseia sua análise linguística nas *lexias*, unidades lexicais memorizadas, distinguindo-as entre: *lexia simples* (“árvore”), *lexia composta* (“guarda-chuva”), *lexia complexa* (“café da manhã”) e *lexia textual* (“quem tudo quer, tudo perde”).

Welker (2004, p. 19-20) resume as ideias de Pottier, fazendo o seguinte esquema sobre o que uma *lexia* pode ser:

- um *lexema* (isto é, um morfema lexical, uma palavra com significado próprio);
- um *gramema* (morfema gramatical: artigo, pronome, advérbio, preposição);
- um *lexema* e um ou mais *gramemas*: casas, dormiu, bonita, interminavelmente (cf. Faulstich 1980, p. 18).

Em síntese, existem:

- *lexias simples* (casa, casas, dormir, dormiu, bonito, bonita);
- *lexias compostas* (palavras compostas, como mestre-de-obras, e palavras derivadas, como deslizar);
- *lexias complexas* (cf. Faulstich, 1980): “uma sequência em vias de lexicalização, em diversos graus: guerra de nervos, conjunto habitacional, luz negra”);
- *lexias textuais* (cf. Faulstich, 1980): “uma *lexia complexa* que alcança o nível de um enunciado ou de um texto. [...] provérbios, hinos, adivinhações etc.”).

Enquanto Pottier considerava a palavra como um tipo de *lexia*, Martinet apud Faulstich (1980, p. 19-20) a denominava *lexema* e, embora esses dois

estudiosos tenham tratado a palavra de formas diferentes, o conceito teórico de ambos convergia para o entendimento do lexema como elemento de função léxica e, portanto, como unidade básica do léxico de uma língua.

A lexia pode ser vocabular ou fraseológica. A lexia vocabular pode constar de uma palavra simples (a lexia simples, de Pottier), ou de uma palavra derivada (lato sensu). A lexia simples é monolexemática, isto é, contém um só lexema: o radical ou tema; a palavra derivada também é monolexemática (contém somente um tema ou radical) acrescido, porém de um afixo (prefixo ou sufixo, ou ambos). Ex.: velho (lexia simples; palavra), revelho (lexia derivada; radical + prefixo), velhice (lexia derivada; radical + sufixo), envelhecer (lexia duplamente derivada ou parassintética; radical + prefixo + sufixo), exemplos encontrados em Elia (cf. nota de rodapé nº 5).

As lexias fraseológicas são polilexemáticas, isto é, contém mais de um tema ou radical. Resultam de uma associação de palavras, que, em virtude de seu uso constante na língua, acabam por se transformar em construções fixas. Acham-se, pois, num processo de lexicalização semântica, vale dizer, que, numa forma múltipla, adquirem significado único.

Outro termo que também se impõe à nossa atenção é o de sintagma, como se sabe introduzido por Saussure (1987), que define como “relação que as palavras contraem entre si, em virtude do caráter linear do significante”. Martinet apud Faulstich (1980, p. 19-20), distingue sintagma de sintema, termo por ele criado. Sintagma, diz-nos, é “toda e qualquer combinação de monemas”. O sintema distingue-se do sintagma por ser este constituído de monemas livres, ao passo que o sintema é formado por monemas “conjuntos”. Monemas conjuntos são os constitutivos da palavra composta ou derivada.

Ainda sob a ótica da investigação acerca das concepções de termo, Barros (2004, p. 100), afirma que o *termo*⁶ pode ser *simples*, definido pela Norma Internacional ISO 1087 como “constituído de um só radical, com ou sem afixos” (ISO 1087, 1990, p.7) – ex.: *malha, crepe*⁷ etc. – ou *complexo*, isto é, “constituído de dois ou mais radicais, aos quais se podem acrescentar outros elementos” (ISO 1087, 1990, p.7) – ex.: *malha creponada stretch, algodão cotelê stretch*.⁸

Os *termos compostos* também são unidades lexicais formadas por dois ou mais radicais. Distinguem-se, no entanto, dos termos complexos pelo alto grau de lexicalização e pelo conjunto de morfemas lexicais e/ou gramaticais

6 Grifo da autora.

7 Exemplos extraídos de nossa pesquisa em terminologia têxtil.

8 Ibidem.

que os constitui, em situação de não-autonomia representada graficamente pela utilização do hífen, como em *meia-malha*, *risca-de-giz*⁹. Cumpre ressaltar que consideramos as unidades lexicais compostas por aglutinação, como registramos em nossa pesquisa o termo *viscolycra*¹⁰, e pela justaposição sem hífen de dois ou mais radicais como termos simples.

Barros (2004, p. 101), observa que as unidades terminológicas, formadas por um único lexema, podem ainda ser chamadas por diversos estudiosos do assunto, de *termos lexemáticos* ou *termos-palavras* e as unidades terminológicas constituídas de diversos lexemas (termos complexos) são também ditas *termos sintagmáticos*, *termos-sintagmas* ou ainda *sintagmas terminológicos*.

No discurso científico e especializado, a produção discursiva exprime-se em grande parte pela criação de termos de tipo sintagmático. Essa produção feita por oposições distintivas entre unidades terminológicas, que têm como lexema-base um hiperônimo (termo mais genérico), constitui o processo mais comum de formação de termos nas línguas de especialidade, como nos seguintes conjuntos de sintagmas terminológicos encontrados em nossa pesquisa:

- crepe
 - crepe georgete
 - crepe stretch
 - crepe de malha
 - crepe de microfibra
 - crepe de malha stretch

- malha
 - malha gorgorão
 - malha creponada
 - malha de crepe
 - malha creponada stretch
 - malha fria brilhante

Os termos complexos podem ter tamanhos diferentes. Nas séries acima, os sintagmas terminológicos chegam a compor-se de até três unidades lexemáticas. A primeira série tem como base o termo *crepe* e a segunda, o termo *malha*.

9 Ibidem.

10 Ibidem.

3. Fundamentos para a análise dos dados

Considera-se a variação terminológica analisada no *corpus* pesquisado, baseado no estudo teórico postulado por Faulstich (1995), onde a autora considera que as “variantes são resultados dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica, faz do termo”. E ainda que, “para descrever terminologias em variação, é necessário ter em conta qual é o padrão de língua que está sendo considerado”.

Explica-se a ocorrência da variação pelo fato que a “unidade terminológica pode ter ou pode assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência”¹¹. Resulta que o termo será funcional dentro de uma linguagem de especialidade, porque assumirá uma função específica de determinado valor, de acordo com o contexto de uso.

O processo de variação se dá dentro de um construto teórico em que variáveis produzem variantes que funcionam nas línguas de acordo com as funções que elas venham ter no discurso de especialidade ou na língua comum.

E desse raciocínio surgem três polos de variantes, conforme propõe Faulstich (2002, p. 77): as *concorrentes*, que são subdivididas em variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro, as *coocorrentes* e as *competitivas*, conforme anteriormente.

As **variantes terminológicas linguísticas** são aquelas em que o fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação. As **variantes terminológicas de registro** são aquelas em que a variação decorre do ambiente de ocorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos.

Para classificar as variantes terminológicas linguísticas, obedecemos aos seguintes princípios:

- i) a interpretação semântica é a base para análise do termo;
- ii) as UTS e UTC são analisadas sob o ponto de vista funcional;
- iii) os subsistemas da língua portuguesa constituem o fundo linguístico de análise;
- iv) os usos escrito e oral dos termos são levados em conta.

Para a análise das variantes linguísticas, nos valeremos dos seguintes tipos propostos por Faulstich (2001):

11 Cf. Faulstich, E. In.: Lamberti, F. *Uma interpretação variacionista do empréstimo linguístico no português do Brasil*. In *Linguística aplicada à Terminologia e à Lexicologia*. Porto Alegre: UFRGS, Inst. De Letras, NEC, 2003.

1. *Variante terminológica morfológica*, a que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito se altere, como *malha de crepe* e *malha creponada*, a variação atua nos formantes do termo.
2. *Variante terminológica lexical*, em que a forma do item da estrutura lexical de uma unidade terminológica complexa (UTC) sofre apagamento, mas o conceito do termo não se altera, como em *crepe de malha stretch* e *crepe de malha Ø*. O apagamento de um dos elementos de predicação reduz a extensão do termo, mas não simplifica o significado, nem perturba a compreensão, porque a base preserva o conceito inerente ao termo naquele contexto.
3. *Variante terminológica fonológica*: a que a escrita pode surgir de formas decalcadas da fala, como em *voal* em relação a *voile*.
4. *Variante terminológica gráfica*, a que se apresenta sob a forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua, como *xadrez tartã* e *xadrez tartan*. Este tipo de variação decorre da forma escrita do termo.
5. *Variante terminológica sintática*, em que há alternância entre duas construções sintagmáticas que funcionam como predicação de uma UTC. Neste caso, a variação se processa na substituição de uma parte do item lexical por outro de estrutura semelhante, formando uma mesma unidade terminológica, como em *vetor de clonagem gênica* e *vetor de clonagem de genes*. (Faulstich, 2001, p. 28).

A classificação das variantes de registro obedece aos seguintes princípios:

- a) os termos são recolhidos no discurso real da linguagem de especialidade;
- b) os termos pertencem à variedade sócio-profissional;
- c) os termos são recolhidos de textos de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto;
- d) os termos são recolhidos de discursos com maior ou menor grau de formalismo, que tratam do mesmo assunto;
- e) os termos são recolhidos de textos redigidos em épocas diferentes, que tratam do mesmo assunto;
- f) os usos escrito e oral são levados em conta.

A variante de registro é de três tipos: i) a variante terminológica geográfica, ii) a variante terminológica de discurso e iii) a variante terminológica temporal. Destes três tipos, em nosso trabalho, abordar-se-á somente o último, a variante terminológica temporal.

No que se refere à presença de variantes concorrentes, como afirma Faulstich (1999) que, “quando uma variante concorre com outra ao mesmo tempo não ocupa o mesmo espaço, por causa da própria natureza da concorrência”. Citem-se, por exemplo, o caso das variantes terminológicas de discurso, de acordo com nossos dados: *shantung* com *spandex*¹², que figura nos dicionários e glossários têxteis (discurso técnico) e *shantung* com *elastano*¹³ ou ainda *shantung* com *lycra*¹⁴, atestados na língua comum (discurso vulgarizado).

As variantes coocorrentes, afirma Faulstich (1999), formalizam a sinonímia terminológica; esta “relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo”. Servem de exemplos *jeans com elastano* e *jeans com lycra* que são considerados sinônimos, pois podem ser utilizados nos mesmos contextos.

Com relação às variantes competitivas, Faulstich (1999) as define da seguinte forma:

As variantes competitivas são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, quer dizer, itens lexicais de uma língua B preenchem lacunas de uma língua A. (...) As variantes competitivas realizam-se por meio de pares formadas por empréstimos linguísticos e formas vernaculares.

As variantes competitivas relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes. Assim sendo, afirma Lamberti (2003):

[...] as variantes competitivas são entidades lexicais que se compõem de, pelo menos, um par formado por lexema (s) de língua estrangeira e de língua vernacular. A variação se apresenta como fato porque o empréstimo, segundo a interpretação variacionista, tem a característica de motivar o surgimento do elemento de competição na língua vernacular que o recebe, (p. 88).

Faulstich (1999) explica como as variantes competitivas são formadas ao observar que:

12 Fibra sintética na qual a substância formadora é uma longa cadeia polimérica composta de no mínimo 85% de poliuretano segmentado. O spandex mais importante, no momento, é o Lycra da DuPont.

13 Fio que deve conter no mínimo 85% de massa de poliuretano segmentado.

14 Marca registrada da DuPont para seu fio elastano.

As variantes competitivas sofrem, em seu desempenho, intersecções devido à própria natureza estrangeira da expressão. Esse fenômeno se dá quando a estrutura da língua do termo estrangeiro é perturbada por estruturas da língua vernacular; a mistura ativa a variação.

Citem-se, por exemplo, os casos *chiffon* e *chifon*, *crepe georgette* e *crepe georgete* em que as estruturas de *chiffon* e *georgette* já se encontram adaptadas ao padrão silábico do português.

4. Procedimentos para análise e classificação dos dados

Com a finalidade de verificar como se dá o processo de variação terminológica de unidades complexas, foram distribuídas, conforme descrição dos termos a seguir, UTCs motivadas por uma subdivisão interna, para melhor visualização dos aspectos analisados. Assim, o grupo foi subdividido, como apresentamos a seguir:

- O **Grupo das UTC** foi subdividido em:
- **1a - variantes concorrentes:**
- i - primeiro subgrupo: variantes linguísticas;
- ii – segundo subgrupo: variantes de registro;
- **1b – coocorrentes:** sinônimos
- **1c - variantes competitivas:**
- i – primeiro subgrupo: formas estrangeiras
- ii – segundo subgrupo: formas híbridas

Faz-se necessário abordar o postulado desenvolvido por Faulstich (2003), no seguinte modelo para analisarmos as UTCs:

$$C = \langle T (F), LT, R \rangle$$

Em que:

T = terminologia¹⁵

F = formativo¹⁶

LT = fundo lexical terminológico

R = regra

15 Refere-se ao conjunto de termos e não à disciplina. Ver em Faulstich, E. *Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas*. 2003, p.14.

16 Ibidem.

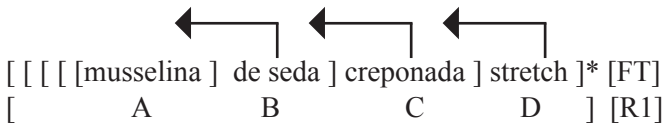
Seja

$C = \langle T (F), LT, R \rangle$ em que $LT [A]$, $F = \{R\}$ e $R [F \rightarrow A]$

a	$F \rightarrow Aa$
B	$F \rightarrow B$
C	$F \rightarrow ABC$
n	etc.

Faulstich (2003) afirma que o constructo (C) é igual á equação formada por terminologia (T), que se compõe de formativo (F). Um formativo terminológico pode ser ou um termo simples ($F \rightarrow A$), ou predicado¹⁷ (AB; AaB; ABC etc.). Em outras palavras, os formativos se organizam numa sequência de base + predicado, até que as combinações sucessivas atinjam a exaustão semântica. Um termo atinge a exaustão semântica quando i) é formulado de acordo com as regras da gramática da língua questão; ii) encerra um conceito evidente; iii) proporciona que seja formulada uma definição.

Ainda, segundo a autora, a construção de terminologias complexas é um fenômeno que se dá num contínuo conceitual que vai do + geral ao + específico. No lugar de formativo + geral está uma base lexical de caráter genérico que opera um significado abrangente e da língua comum, ou mais próximo dela. A base sustenta um predicado, organizado por meio de argumentos¹⁸, que atribuem à base o caráter particularizante de ‘especialidade’ e forma a unidade terminológica complexa (UTC), como neste exemplo (*) da área *têxtil*.



Em que A é base predicada por BCD com movimentos da direita para esquerda. Assim, A opera o conceito + geral, B reopera no conceito A; C reopera no conceito AB e D reopera no conceito ABC e fecha o termo complexo.

Como bem afirma Faulstich (2003:15), no contínuo de uma UTC, os argumentos são reoperadores do significado de cada conjunto sintagmático

17 De acordo com M. H. de Moura Neves que afirma que “Os predicados são semanticamente interpretados como designadores de propriedades ou relações, e suas categorias são distinguidas segundo suas propriedades formais e funcionais”. Em *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 23. Citada por Faulstich, 2003, p.14

18 De acordo com M. H. de Moura Neves “argumentos são [constituintes] exigidos pela semântica do predicado”. Em *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 23. Citada por Faulstich, 2003, p.14

anterior, com a função de especificar, de tal forma que no intervalo que vai do + geral ao + específico se processa o novo conceito, que seja próprio da área de especialidade a que pertence o termo em causa.

Procede-se, então, à apresentação dos subgrupos (1a); (1b) e (1c) do Grupo das UTCs seguidos de suas respectivas variações. Em seguida, analisam-se as variações das unidades lexicais, com base em categorias estabelecidas anteriormente.

5. Análise dos dados do grupo I

As **Unidades terminológicas complexas (UTC)** coletadas nas obras de área de especialidade e abonadas, através de consulta, em dicionários e glosários que apresentassem os termos coletados estão assim analisadas.

1a - Variantes concorrentes

A análise dos dados, obtidos nessa fase, permitiu a identificação de todas as variantes linguísticas estabelecidas por Faulstich (1999), qual seja:

i – Primeiro subgrupo: variante linguística

ia) gráfica:

Neste tipo de variação, os formativos *xadrez tartã* e *xadrez do tipo tartan* são diferenciados na escrita pelo uso da marca de nasalização til (~) no primeiro formativo, e, no segundo, pela presença do arqui fonema nasal, registrado com ‘n’.

Nos pares *lã stretch* e *lãzinha stretch* a variação do termo *lã* se dá pelo acréscimo do sufixo (z)inho que designa “tecido feito de um tipo de lã muito leve e bastante adequado para vestidos, saias e casaquinhos” (adaptado de Terminologia do vestuário, 1996:61); *lã* significa “fibra ou tecido de origem animal, macia e ondulada” (Glossário têxtil e curiosidades, s/d).

ib) lexical:

Nos formativos cotton lycra e lycra-cotton a variação se apresenta na troca de posição de termos. Ressalta-se ainda que a posição em que um termo aparece em diferença do outro, não deve ser encarado como um percentual a mais de um fio ao outro, por exemplo, não há porque afirmar que no constructo *cotton lycra* há mais cotton do que lycra e vice-versa.

A variante lexical neste tipo de UTC se dá na base da construção dos termos. Para explicitá-la, apresentam-se os casos a seguir.

5.1 Variante na forma escrita do adjetivo que compõe o sintagma terminológico

Esta variação se processa na substituição de uma parte do item terminológico por outro, como, por exemplo, em *malha creponada* e *malha de crepe*. Assim, o adjetivo *creponada* se expande no sintagma preposicionado *de crepe*, formado de preposição + substantivo, ou ocorre o contrário, o sintagma preposicionado se reduz a um adjetivo. Tanto a forma expandida, quanto a reduzida têm função de predicar a base. Assim, há a possibilidade de uma outra expansão e esta forma pode ser expandida à direita por meio de mais um argumento, como, no exemplo, encontrado no *corpus* pesquisado, *malha creponada stretch*.

Já nos pares *algodão stretch* e *algodão com stretch*, observa-se que há uma expansão do predicado, formado a partir de argumentos associados à base *algodão* + preposição + substantivo, sem, porém, perder ou alterar o significado.

Nos pares, *crepe de malha stretch* e *crepe de malha* há o apagamento de um dos elementos de predicação (*crepe de malha [stretch]*), este apagamento reduz a extensão do termo, e simplifica o significado. Mesmo a base preservando o conceito inerente ao termo naquele contexto, há uma diferença de significado, quando se observa a predicação, pois o apagamento do adjetivo diferencia o significado de *crepe de malha stretch* e *crepe de malha*.

Neste conjunto de dados, a derivação se apresenta assim:

- | | | |
|---------------------------|--------|----|
| 1. crepe* | [AF] | R1 |
| 2. crepe de malha Ø | [ABØF] | R2 |
| 3. crepe de malha stretch | [ABCF] | R3 |

O termo 1, marcado por asterisco (*), não está explicitado aqui, pois já foi mencionado junto à análise das UTS; em 2 ‘*crepe de malha Ø*’, o zero (Ø) diz que ali é o lugar de um formativo apagado no texto. A existência de um zero pode ser para, simplesmente encurtar a extensão de um termo, evitar a redundância ou a repetição lexical e conceitual; porém em 3 o formativo ‘*crepe de malha*’ recebe o argumento ‘*stretch*’ que encerra o conceito definitivo do termo ‘*crepe de malha stretch*’. O usuário dessa terminologia incorpora o termo e aplica regras de derivação de forma espontânea, acrescentando-lhe um novo predicador ou não.

No formativo *veludo de seda pura*, a derivação se apresenta assim:

- | | | |
|------------------------|----------------------|----|
| 1. veludo* | [AF] | R1 |
| 2. veludo de seda | [ABF] | R2 |
| 3. veludo de seda pura | [ABbF] ¹⁹ | R3 |

Cabe observar que ao termo da R1 [AF] – *veludo* – é acrescentada uma locução adjetiva formada por (prep. + subs.) – *de seda* – que forma a R2 [AB], observa-se aqui, que, quando se acrescenta um argumento à direita, este particulariza um pouco mais a unidade lexical. Ao formativo da R2 é acrescentado o adjetivo *pura*, gerando assim, a R3 [ABb], a qual indica que ‘B’ [de seda] suporta o termo apositivo ‘b’, que deve ser lido como ‘que é pura’. A cada novo argumento acrescentado à base, cria-se um novo conceito.

No par *malha fria* e *malha fria brilhante* observa-se que à base *malha fria* que significa “tecido de malharia circular produzido principalmente com fios sintéticos (poliamida) cuja característica é caimento, toque agradável, transmitindo sensação de tecido frio ou gelado” (Terminologia do Vestuário, 1996: 65); foi acrescentado um constituinte – *brilhante* – adjetivo que qualifica esta base. Esta variação ocorre quando um constituinte é acrescentado à base; como seriam possíveis, as seguintes construções: *malha fria paetizada*, *malha fria canelada*, *malha fria aveludada*.

Quanto à construção *microfibra risca-de-giz*, temos duas análises a fazer: a UTC é composta de um termo formado por derivação prefixal em que o prefixo micr(o) juntou-se ao substantivo – fibra – criando um novo termo – microfibra; a esta base anexou-se um sintagma composto por substantivo + preposição + substantivo – *risca de giz* que, ao se juntarem, originou uma UTC. Ressalta-se, porém, que todo formativo sendo ele um adjetivo, tem a função de predicar a base, no caso desse em específico, o formativo acrescenta características individualizantes, capazes de formar um conceito e um único referente.

5.2 Variante na forma escrita do argumento que compõe o sintagma terminológico

No conjunto abaixo, a derivação se apresenta assim:

- | | | |
|--------------------|-------|----|
| 1. tule* | [AF] | R1 |
| 2. tule e elastano | [ABF] | R2 |
| 3. tule de lycra | [ACF] | R3 |

¹⁹ Na regra de formativos, a repetição do símbolo em minúscula *diz que se trata de um significado apositivo*. Cf. em Faulstich, E. *Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003, p. 16.

Ao comparar 2. *tule e elastano* e 3. *tule de lycra*, percebe-se que 3. poderia se posicionar como termo sinônimo de 2., porém este processo não é possível, embora o conceito de *elastano seja o fio da Du Pont internacionalmente conhecido com o nome de Lycra* (SENAI/CNTV, 1996). No meio técnico há uma advertência quanto ao uso do termo *lycra* pelo termo *elastano*, que diz *toda lycra é fio elastano, porém nem todo fio elastano é lycra*.

Observa-se ainda a composição de R2 [ABF] em que o formativo liga a base ao argumento através do uso de uma conjunção aditiva (e). E na R3 [ACF] a formação se faz pelo uso de uma locução adjetiva (prep. + subst.).

ii – Segundo subgrupo: variante de registro (discurso):

Cite-se, por exemplo, o caso das variantes terminológicas de discurso, de acordo com nossos dados: *shantung* com *spandex*, que figura nos dicionários e glossários têxteis no discurso técnico e *shantung* com *elastano* ou ainda *shantung* com *lycra*, atestados na língua comum no discurso vulgarizado.

1b - Variantes coocorrentes:

Neste tipo de variação, constatou-se que dentro das UTC coletadas na pesquisa, foram consideradas coocorrentes, ou seja, sinonímicas, as seguintes unidades terminológicas:

jeans com lycra / jeans com elastano / jeans stretch / jeans com stretch – sarja stretch / sarja com lycra, embora se saiba que, se levarmos em conta as propriedades de cada unidade terminológica, isto não será possível, porque cada uma delas apresenta diferença na composição de seus urdumes.

Malha de crepe / malha creponada, são dois termos coocorrentes, pois a diferença está somente na construção do formativo preposicional e adjetival.

1c – Variantes competitivas:

As variantes competitivas compostas por UTC foram analisadas somente dentro da subdivisão das formas estrangeiras e híbridas, posto que em sua maioria se compuseram de base vernacular e constituinte estrangeira ou vice-versa; como se observa a seguir:

i – Primeiro subgrupo: formas estrangeiras

5.3 Empréstimo tal qual na língua inglesa sem equivalentes vernaculares

Neste caso, o empréstimo mantém a forma tal qual é em sua origem e não gera nenhuma forma vernacular. Cite-se como ilustração, os exemplos de *cotton*

lycra e lycra-cotton, black jeans, lycra soft, changeant stretch e etc. Continua, neste tipo de construção, o privilégio da forma estrangeira pela ausência de uma vernacular. Mesmo porque, ninguém iria se referir ao *black jeans* como ‘jeans preto’.

ii – Segundo subgrupo: formas híbridas

5.4 Empréstimo que gera termo composto híbrido de base vernacular + argumento estrangeiro

A formação de palavras compostas no PB, através de empréstimo estrangeiro, gerou a formação de UTC híbridas, através da sequência de base + predicado; nessa análise, normalmente a base é um termo vernacular e o predicado, um ou mais termos estrangeiros. Este processo motivou o surgimento de um novo termo e um significado correspondente. Ocorrendo, desta forma, o preenchimento de lacuna lexical vernacular motivada pela palavra composta híbrida.

Aos termos vernaculares: *algodão, brim, gabardine, lã, linho, malha, microfibra, popeline, sarja, mescla, tafetá, tule, tricoline e veludo* anexa-se o constituinte adjetival estrangeiro *stretch*, que qualifica a base de modo particular e, assim, ficam constituídos: *algodão stretch, brim stretch, gabardine stretch, lã stretch, linho stretch, malha stretch, microfibra stretch, popeline stretch, sarja stretch, mescla stretch, tafetá stretch, tule stretch, tricoline stretch e veludo stretch*.

Além desses, outros termos são formados de base vernacular + predicado estrangeiro, a exemplo disso temos: *crepe mousson* que também pode ser do tipo *georgette e patou, lã pied-de-poule, malha tweed, malha cotton, moletom soft, seda lingerie e xadrez vichy*.

5.5 Empréstimo que gera termo composto híbrido de base estrangeira + argumento vernacular

Nesse tipo de variação, a ocorrência deu-se na construção de base estrangeira + locução adjetiva vernacular. Cite-se, para ilustrar, os exemplos ocorridos em *lingerie de seda*, pelo acréscimo de uma locução adjetiva – de seda – anexada à base estrangeira – *lingerie* – que o diferencia de *lingerie de crepe, lingerie de musseline*.

Em *jacquard acrílico*, o termo de base estrangeira (francês) recebe formativo adjetival vernacular, que o particulariza em relação à *jacquard de seda*.

Em *shantung de seda*, a base estrangeira *shantung* (chinesa) que recebe o formativo prep. + subst. havendo, no entanto, no PB um termo vernacular

decalcado, equivalente ao termo estrangeiro – shantung = xantungue, este não encontrado no *corpus* de análise.

5.6 Empréstimo que gera termo composto híbrido de base estrangeira + argumento vernacular + argumento estrangeiro

Nessa categoria, ocorre, como exemplo, *jeans índigo blue*, em que a base estrangeira – *jeans* – recebe o adjetivo – *índigo* – termo que provoca dúvidas quanto ao seu aparecimento no PB, como constatamos em Houaiss (2001) “... os autores divergem quanto aos caminhos que a forma percorreu para chegar ao port. Segundo AGC, pelo castelhano; outros veem interveniência do italiano ou do francês, bem como as outras línguas, românicas ou não românicas; e remetem para *indig(o)-*, *hindu* e *índio*; f.hist. sXIV *jndio*, 1858” . A esse formativo se anexa outro adjetivo estrangeiro – *blue*, que encerra o conceito *jeans índigo blue*.

O mesmo se dá com o formativo *Jeans com xadrez vichy*, sendo que o termo *vichy* designa ”padronagem xadrez de tecidos utilizados para toalhas de mesa, que apresentam as cores branca e vermelha” (adaptado de Terminologia do vestuário, 1996:95) em que o formativo prep. + subst. + adj, além de especificar o tipo de *jeans* ainda o qualifica melhor fazendo uso do formativo apositivo *vichy*, que significa ‘que é’ branco e vermelho, diferente de ‘tartã’, marrom e bege.

5.7 Empréstimo que gera termo composto híbrido com elementos aportuguesados

No termo *algodão cotelê stretch* observamos que à base – algodão – acrescentou-se o adjetivo *cotelê* – termo aportuguesado do francês – *côtelé*, que também recebe um outro adjetivo do inglês – *stretch*, que encerra o conceito de *algodão cotelê stretch*.

Em *jérsei com lycra* temos a base aportuguesada do inglês *Jersey* – jérsei, adequado ao padrão de acentuação do PB; que recebe o formativo com preposição + estrangeirismo. Assim, o formativo adjetival *com lycra* particulariza o termo jérsei.

Considerações finais

Um número muito reduzido de variação concorrente, em específico, variantes gráfica e lexical, foi observado na análise do Grupo das UTCs. Já a correspondente à variação linguística do tipo lexical foi de maior ocorrência. A

subdivisão, para essa análise, em pequenos grupos, se deu para que se verificasse como ocorria a ativação da variação no constructo terminológico complexo.

Destaca-se a variação do sintagma adjetival (composto por um adjetivo ou sintagma preposicionado); o uso de diferentes preposições (de, com) fez com que o termo fosse mais ou menos particularizado; o apagamento ou não de constituintes originou novos termos e conceitos; a cada novo constituinte acrescentado à direita caracterizava um novo termo e, por conseguinte, um novo conceito.

Constatou-se que as variantes coocorrentes se realizam mais no discurso vulgarizado e menos no padrão oral da língua e, muitas vezes, notou-se que as especificidades de cada termo não são levadas em consideração.

A presença de variantes competitivas no que diz respeito às UTCs são também em grande número, por razões anteriormente mencionadas e pela lacuna existente no léxico do PB; nas UTC os termos são formados a partir da junção de base vernacular + constituinte estrangeira ou vice-versa, sendo portanto, formas híbridas. Ocorrem poucos estrangeirismos complexos; a exemplo temos *cotton lycra*, *black jeans*, *lycra soft*, *changeant stretch* entre outros.

O termo estrangeiro *stretch* é elemento ativador de variação, pois ocorre em diversos termos vernaculares, como, por exemplo, nos pares *sarja stretch* e *sarja com lycra*; *malha stretch* e *malha com elastano*.

O mecanismo de reação da língua ainda está adormecido no que se refere à formação das UTC à luz da variação competitiva, porém se mostra capaz em criar termos no vernáculo, mesmo se valendo de termos aportuguesados, como nos exemplos *jérsei com lycra* e *algodão cotelê stretch*.

Este estudo possibilitou aplicar o modelo apresentado por Faulstich (1995-2003) na intenção de analisar os termos de fibras e tecidos, na área têxtil, bem como o processo de como se dá a variação em terminologia. O modelo, à medida que foi testado, comprovou que na área de especialidade há variação sim, ao contrário do que afirmava Wüster; e que a variação ocorre dentro de um constructo teórico que visa organizar uma gramática, como postula Faulstich.

Referências bibliográficas

- BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004. 285p.
- CABRÉ, M.T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Espanha, Antártida/Empúries, 1993.
- CÂMARA Jr., J. M. *Princípios de linguística descritiva*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 72 p.

- CRUZ, C. L. S. *Estudo da Terminologia das Fibras e Tecidos na Área Têxtil*. 2005. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- ELIA, S. E. *As unidades lexemáticas*. Disponível no site: <http://www.filologia.org.br/anais/anais003.html> acessado dia 15/07/04.
- FAULSTICH, E. *Lexicologia: a linguagem do noticiário policial*. Brasília: Horizonte, 1980.
- _____. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília: Centro Lexterm, 1995. 31p.
- _____. *Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina*. Ciência da Informação, vol. 24, n.2, 1995 – Artigos.
- _____. *Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina*. Ciência da Comunicação, MCT/CNPq/IBICT, Brasília (24), n.3, 1996, pp. 281-288.
- _____. *Variantes terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha*. Actes Réflexions Méthodologiques sur le Travail en Terminologie et en Terminotique dans les Langues Latines. Realiter, Université de Nice-Sophie Antipolis, Nice, 1996, pp. 15-19.
- _____. *Da linguística histórica à terminologia*. Investigações, vol. 7, Recife: UFP, 1997.
- _____. *Princípios formais e funcionais de variação em terminologia*. Seminário de Terminologia Teórica, Barcelona, 28-29 de janeiro, 1999.
- _____. *Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários*. LIV/IL/UnB/Centro Lexterm. Brasília, 2001.
- _____. *Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista*. TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – V.7 – USP. São Paulo: Humanitas, 2001.
- _____. *Variação em terminologia. Aspectos de socioterminologia*. In. Ramos, G. G. e Lagos, M. F. P. Panorama actual de la terminologia. Editorial Comares, Granada, 2002.
- _____. *Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas*. In. Faulstich, E. e Abreu, S. P. *Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia* – Cooperação Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003.
- FINATTO, M. J. B. *Unidade e variação na língua portuguesa: a variação em terminologia*. In. Krieger, M. T. e Maciel, A. M. B. *Temas de terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

- GAUDIN, E. *Pour une socioterminologie: Dès problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen, Publications de l'Université de Rouen, 1993.
- GLOSSÁRIO TÊXTIL E CURIOSIDADES, disponível no site: <http://www.casapinto.com.br/CPGlossarioTextil.html#La> acessado dia 12/10/04.
- HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.
- KRIEGER, M. T. e FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LAMBERTI, F. C. C. *Empréstimos linguísticos no português do Brasil: uma interpretação variacionista*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- LAMBERTI, F. C. C. *Uma interpretação variacionista do empréstimo linguístico no português do Brasil*. In: Faulstich, E. e Abreu, S. P. *Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia* – Cooperação Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003.
- ORGANISATION INTERNACIONALE DE NORMALISATION. ISO – *Travaux terminologiques – vocabulaire – Partie 1. Théorie et application*. Genebra, ISO, 2000 (ISO/R1087-1).
- REY, A. *La terminologie: noms et notions*. Paris, PUF, 1979.
- SAGER, J. C. *Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología*. [Trad. del inglés Laura Chumillas Moya]. Fundación Germán Sánchez Ruipérez, Madrid: Pirâmide, 1993, 448p.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 1987. 279 p.
- SENAI/CNTV. *Terminologia do vestuário: português; espanhol-português; inglês-português; francês-português*. São Paulo, 1996.
- SPENGLER, A. *Decifrando a moda: Glossário*. São Paulo: STS, 1993.
- VINCENT-RICARD, F. *As espirais da moda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.